

A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

*SOCIOLINGUISTICS IN THE CLASSROOM: A REFLEXIVE ACCOUNT ON MOTHER
TONGUE TEACHING*

Ruy Martins dos Santos **BATISTA**¹
Joanes Magalhães **LIMA**²

Resumo: Nas últimas três décadas, muitos pesquisadores dos Estudos da Linguagem (BAGNO, 2007; TARALLO, 2001, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005) têm se dedicado a investigações no campo da Sociolinguística, insistindo que hodiernamente não é mais possível pensar no ensino de Língua Materna (LM) sem levar em consideração o conjunto das variantes sociais. Nesse sentido, sabendo que a língua não é estável e que é constituída de um conjunto de variáveis, o presente artigo tem como objetivo apresentar um breve panorama dos estudos sociolinguísticos, além de uma reflexão acerca do ensino de Língua Materna. Nesse contexto, a presente pesquisa se insere na abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-descritivo, embasada em pesquisadores e teóricos que têm a temática em questão como foco. Destarte, compreendemos que os estudos sociolinguísticos têm uma significativa relevância no ensino de LM, por permitir que o contexto sócio-histórico dos usuários da língua seja considerado.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação e Mudança. Ensino. Língua Materna.

Abstract: In the last three decades, several linguistic studies researchers (BAGNO, 2007; TARALLO, 2001, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005) have been engaged in conducting work in the field of Sociolinguistics. They argue that nowadays it is no longer possible to think of the teaching of a Mother Tongue (MT) without taking into account the set of existing social variants. In this manner, since language is not stable and given that it is constituted by a set of variables, this paper aims to present a brief description of sociolinguistic studies, as well as a reflexive account on Mother Tongue teaching. In this context, this study is encompassed by the qualitative approach and it is of bibliographic-descriptive nature. Furthermore, the present work is based on findings of researchers and scholars who carry out studies that focus broadly on the same theme. Therefore, we understand that sociolinguistic studies are of significant relevance to the teaching of Mother Tongue in the sense that it allows for the consideration of language users' socio-historic context.

Keywords: Sociolinguistics. Variation and Change. Teaching. Mother Tongue.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras-Estudos Linguístico da Universidade Federal do Tocantins – UFT. ruymartinsbatista@gmail.com.

² Especialista em Linguística Aplicada na Educação pela Universidade Candido Mendes - UCAM. Afiliação: Universidade Federal do Tocantins – UFT. joanes@mail.uft.edu.br.

Ao estudarmos a língua, podemos evidenciar que ela é uma particularidade inerente aos seres humanos. Dessa forma, todos nós, independente do lugar em que nascemos, e/ou a cultura a qual pertencemos e grau de escolaridade, podemos produzir linguagens articuladas e, assim, relacionarmos e comunicamo-nos uns com os outros. Raramente haverá uma ocasião de nossas vidas em que não utilizaremos linguagem – pois há aquelas pessoas que falam enquanto dormem ou se veem falando com os próprios pensamentos, não é mesmo?

A linguagem, bem mais do que qualquer outra idiosincrasia, diferencia sobremaneira o ser humano dos animais. O ser humano consegue adequá-la às mais variadas situações, na qual encontra modelos e formas para comunicar-se com o outro de maneira apropriada e eficaz.

Neste sentido, a linguagem é uma particularidade universal dos seres humanos. Todavia, as pessoas podem subdividi-las em classe, na qual cada grupo tem a sua própria língua (que podemos denominar como idioma). Destarte, falantes das mais variadas línguas, ou seja, de diferentes idiomas – como o espanhol ou o francês –, apesar de possuírem linguagem, não serão capazes, a princípio, estabelecer comunicação entre si, caso não dominem igual idioma.

Diante da heterogeneidade do ser humano, e conseqüentemente dos estudos linguísticos, que aparentemente se apresentam como um “caos” no universo, podemos entender que a Ciência da Linguagem, de modo geral, tem por objetivo estabelecer quais características da língua(gem) serão por ela considerados, como também, a forma/*modus* com que isso será realizado, a fim de conseguir meios que possam determinar a dinâmica de funcionamento da linguagem em sua totalidade, levando em consideração as especificidades de análise das línguas. Revelam-se, assim, múltiplas formas de conceber a língua como objeto de estudo, derivando assim, nas teorias linguísticas contemporâneas.

Levando-se em conta essas questões, temos como foco de estudo a Sociolinguística que é, para Bortoni-Ricardo (2005), um campo interdisciplinar das ciências da linguagem, e que tem sua origem na Europa, a partir do Círculo Linguístico de Praga e da Linguística Saussuriana na segunda metade do século XX. Mas é no continente americano, especificamente nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, que a sociolinguística encontra terreno propício que a faz alavancar as discussões, tendo como um de seus precursores William Labov, o qual desenvolveu o termo “Sociolinguística Laboviana” ou “Sociolinguística Quantitativa”, haja vista que esta ocupa-se de resoluções estatísticas.

No Brasil, mas precisamente nas últimas três décadas, muitos pesquisadores dos estudos da linguagem (BAGNO, 2007; TARALLO, 2001, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005) têm se dedicado a investigações no campo da Sociolinguística, insistindo que hodiernamente não é mais

possível pensar no ensino de Língua Materna (LM) sem levar em consideração o conjunto das variantes sociais.

Nesse sentido, sabendo que a língua não é estável e que é constituída de um conjunto de variáveis, o presente artigo tem como objetivo apresentar um breve panorama dos estudos sociolinguísticos, além de uma reflexão acerca do ensino de língua materna. Nesse contexto, a presente pesquisa se insere na abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-descritivo, embasada em pesquisadores e teóricos que têm a temática em questão como foco.

Destarte, compreendemos que os estudos sociolinguísticos têm uma significativa relevância no ensino de LM, por permitir que o contexto sócio-histórico dos usuários da língua seja considerado.

De modo a organizarmos esta pesquisa, a dividimos em 3 seções, da seguinte forma: na seção 1, fizemos um breve panorama a respeito da temática Sociolinguística variacionista: breve considerações acerca da sua origem e objeto, na seção 2, reflexões acerca da variação e mudança linguística e, na seção 3 discorremos acerca do tema: Sociolinguística na sala de aula: reflexões acerca do ensino de Língua Materna.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: BREVE CONSIDERAÇÕES ACERCA DA SUA ORIGEM E OBJETO

Foi a partir da segunda metade do século XX que os Estudos Linguísticos obtiveram significativas mudanças, pois passaram a incluir em suas pesquisas, como realidade linguística, o contexto sociocultural dos falantes, fato este considerado como a grande novidade da área. Assim, surge nesse cenário uma nova concepção no modo de se estudar a Linguística, uma vez que, até então, os estudiosos mais influentes deste campo do conhecimento simplesmente haviam ignorado ou desconsiderado a relação dos aspectos sociais sobre a língua, pelo menos de tal maneira que isso viesse a se tornar expressivo.

Apesar de referências anteriores ao termo Sociolinguística, a exemplo de sua citação em um trabalho de Haver C. Currie, em 1953, o reconhecimento desta disciplina enquanto ciência autônoma veio se concretizar apenas nos anos de 1960. Porém, muito antes disso, outros estudiosos, como Meillet (cujas ideias serviram de inspiração para Labov) Marr e Bakhtin, já haviam desenvolvido pesquisas dessa natureza, no entanto, não chegaram a desenvolvê-las ao ponto de se firmarem como uma nova área de estudo, como viria fazer mais tarde o norte-americano Labov. A esse respeito, Marra e Milani (2012, p. 9) afirmam que “Labov [...] se queixou de Meillet e de

seus discípulos por não terem se dedicado inteiramente ao desenvolvimento das ideias que propuseram no início do século XX [...]”.

O termo Sociolinguística se firmou em 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia (UCLA) em Los Angeles, nos Estados Unidos da América. O evento foi organizado por William Bright e teve como temática principal a estreita relação entre língua e sociedade. Dele participaram mais de 20 pesquisadores, dentre eles Einar Haugen, William Labov, John Gumperz, Dell Hymes, José Pedro Rona e John Fischer. Daí por diante, o grande destaque para esse novo campo do conhecimento é o norte-americano William Labov, pois foi quem o criou. Devido suas importantes pesquisas no campo da Sociolinguística e, principalmente, por se diferenciar na maneira com que aborda as questões relativas à relação existente entre língua e sociedade, William Labov é considerado o precursor dessa nova área de estudos. Ao contrário de Saussure, que focava suas análises na *langue* - língua, os estudos labovianos são focados na *parole* - fala/uso. Vejamos o que o autor nos afirma a respeito das suas ideias sociolinguísticas:

Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística (LABOV, 2007, p. 1).

Ele já havia publicado, em 1963, um célebre trabalho a respeito da influência dos fatores sociais com relação à variação linguística na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts (EUA), em seu estudo sobre o uso dos ditongos /ay/ e /aw/. Segundo Alkmim (2012, p. 32), o autor relaciona em sua pesquisa alguns fatores de ordem social “como *idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude* ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês.” Em seguida, o referido pesquisador conclui um outro trabalho que não pode deixar de ser mencionado aqui devido sua importância para a emancipação dos estudos sociolinguísticos, cujos detalhes estão descritos a seguir, conforme afirma Alkmim:

Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, de grande impacto na Linguística contemporânea (2012, p. 32).

Mas afinal de contas, o que é a Sociolinguística, já que a linguagem é um fenômeno social por natureza e esse termo se mostra redundante? Uma resposta bem detalhada exigiria que voltássemos ao tempo e analisássemos as teorias dos estudos linguísticos sob um contexto sócio-

histórico abrangente. Discussões à parte, vamos logo a sua conceituação. Conforme assevera Mollica (2015, p. 9),

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Como podemos depreender da conceituação acima, este ramo da Linguística tem a língua em uso como objeto de estudo, focando na fala, na oralidade, ou seja, sua atenção é voltada para a comunicação tal como ocorre no dia a dia dos falantes em suas interações espontâneas. Com objetivo de “compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade” (MOURA, 2007, p. 11), considera não apenas os aspectos da língua como também (e essencialmente) os sociais, os quais se apresentam inter-relacionados. No que diz respeito a ser interdisciplinar, compreendemos que este campo do saber comunica-se com outras áreas das ciências humanas, tais como a Sociologia, a Filosofia, Antropologia e a Linguística Histórica, entre outras. Quanto à heterogeneidade, significa que as mais variadas formas de usos linguísticos, as variantes, são consideradas e têm sua importância elevada pelos estudiosos dessa subárea.

Evidentemente não existe apenas uma vertente deste ramo do conhecimento, mas neste trabalho nos interessa a Sociolinguística Laboviana, cujo modelo teórico-metodológico foi iniciado pelo americano William Labov³, a qual é também denominada por outros nomes: Variacionista, por pautar nas variações linguísticas; ou Quantitativa, porque lida com grandes quantidades de dados que são analisados estatisticamente. E ainda, Teoria da Variação e Mudança Linguística, pois trata destas duas questões pertinentes à língua. Esse novo modo de se estudar a Linguística “apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 2007, p. 7), ao instaurar uma vertente de estudos contrária à de Saussure.

Ao contrário do que pregavam os estruturalistas e os gerativistas, que viam a língua como um sistema homogêneo, uniforme e estático e que era estudada fora do contexto social, ou seja, em separado das comunidades de fala, a Sociolinguística, além de incorporar a ideia de variação e, portanto, de heterogeneidade, também valoriza o uso concreto da língua nas interações de comunicação verbal por parte dos seus usuários (WIENREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Nesse sentido, concordamos com Calvet (2002, p. 12) ao afirmar que “as línguas não existem sem

³ Com a finalidade de contrapor teorias mentalistas da Linguagem Labov e Weinreich junto com Herzog redigiram um texto chamado Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, que foi apresentado no Simpósio Direções para a Linguística Histórica, ocorrido na universidade do Texas e 29 e 30 de abril de 1966.

as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Ou seja, linguagem e sociedade são inseparáveis sob a ótica da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de modo que, se as pessoas mudam, a língua(gem) também é passível de mudanças.

A seguir, discorreremos brevemente sobre dois temas básicos associados à Sociolinguística e que, mais que isso, são a sua essência: variação e mudança linguística.

REFLEXÕES ACERCA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Ao contrário da Gramática Normativa, que acaba disseminando o preconceito linguístico ao pregar a ideia de *certo/errado* e por prestigiar a norma culta em detrimento às variantes linguísticas, o principal interesse da Sociolinguística é com relação às variações e às mudanças que ocorrem em todas as línguas. Esta ciência compreende que a língua a qual falamos é, em sua maioria, bem diferente da prescrita pelos gramáticos e que é ensinada nas escolas. Ela não é estática nem homogênea e sim heterogênea (WIENREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Assim, sabemos que as línguas variam e que podem ou não sofrer mudanças devido às variações. Desse modo, nos afirma Beline (2015, p. 122) que “fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato, as línguas variam.”

De acordo com as ideias de Coelho *et al.* (2015), se nós brasileiros falamos o mesmo idioma: o português, isso quer dizer que falamos todos de maneira igual, uma vez que conseguimos perfeitamente compreender uns aos outros e nos comunicar sem maiores problemas. Por outro lado, também se pode afirmar que todos nós falamos de maneira diferente, pois “cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, entre outros fatores” (COELHO *et al.*, 2015, p. 13).

Em um diálogo, mesmo se os falantes forem de regiões diferentes, ou um tiver formação superior e o outro for analfabeto, ou ainda, se um tiver idade avançada e outro for jovem, eles conseguem se entender perfeitamente. Isto porque as variações linguísticas decorrentes de todos esses fatores em nada atrapalham a comunicação, pois elas não são aleatórias, ao contrário, são regidas por regras determinadas pelo próprio sistema linguístico e também por aspectos de natureza social.

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 16) a **variação linguística** “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Por exemplo, podemos citar aqui a variação entre os pronomes “tu” e “você”. Às maneiras distintas de que dispomos para dizermos a mesma coisa, na mesma situação contextual e com o mesmo sentido dá-se o nome de **variantes** linguísticas. Assim, os pronomes

“tu” e “você” ou “você” e “cê” são variantes, pois são empregados para uma mesma referência, qual seja, a segunda pessoa. Por sua vez, as variantes em conjunto são denominadas de **variáveis** linguísticas. Já **variedade** corresponde, de modo genérico, a dialeto. Um exemplo típico de variável, no português brasileiro, é a pronúncia da letra “r” em final de sílaba por parte de falantes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Assim, temos duas variantes que se associam a esta mesma variável, isto é, à pronúncia do “r”: o /r/ (flap) para os paulistanos, cuja pronúncia é uma vibrante simples, e o /h/ na fala dos cariocas, ou seja, de som aspirado.

Só para citar dois casos básicos de variação, Beline afirma:

Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica –, seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica (2015, p. 122).

No caso do Brasil, devido a sua extensão territorial, ocorrem vários casos de variação diatópica ou geográfica, isto é, um mesmo referente pode receber denominações diferentes, conforme a região, a exemplo de mandioca, conhecida também pelo nome de macaxeira e aipim. Como exemplo de variação diatópica, no aspecto lexical, Beline cita as palavras “jerimum” e “abóbora”, cuja referência é o mesmo fruto, ao menos em determinadas cidades ou regiões, para baianos e paulistanos, respectivamente.

Com relação à variação diafásica, podemos citar como exemplo, dentre muitos outros, um bate-papo de alguém com um colega, no qual impera a informalidade, e uma conversa profissional, deste mesmo alguém, com o chefe, em que é preciso uma certa formalidade. Há ainda, e não menos importante para os estudos sociolinguísticos, a variação social ou diastrática, que se relaciona, segundo Alkmim (2012, p. 37), “a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.” Esses fatores, cujas variáveis são externas, não linguísticas, conforme podemos compreender, seriam: classe social, idade, gênero/sexo, escolaridade, situação ou contexto social.

Por outro lado, há as variáveis de natureza linguística, isto é, internas à língua: fonológicas, morfofonológicas, sintáticas, semânticas etc. Assim, é crucial ficar bem claro que “a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2012, p. 35).

Outro fenômeno associado à Sociolinguística, embora seja objeto de estudo da Linguística Histórica, e que está intimamente ligado à variação, é o da **mudança linguística**. Com relação ao assunto, Camacho (2012, p. 61) ressalta a correlação existente entre ambas as temáticas e afirma que “nem todo processo de variação resulta necessariamente numa mudança diacrônica, caso em

que a variação é estável e funciona como indicador de diferenças sociais”. No entanto, para ocorrer mudança pressupõe-se que haja variação. Como deixa claro Tarallo (2007, p. 63) “Variação [...] não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação.”

As mudanças ocorrem nos mais diferentes níveis linguísticos: semânticos, sintáticos, fonológicos, lexicais, morfológicos, etc., e não se dão da noite para o dia, ao contrário, levam um longo prazo, inclusive até séculos, para se concretizarem. Geralmente elas se processam gradualmente em várias dimensões, de tal forma que ocorre um período de transição com relação às formas em variação. Assim, duas ou mais variantes coexistem e competem entre si, podendo se manterem estáveis por um longo período de tempo até resultar na mudança.

Por exemplo, temos atualmente em competição as formas “tu” e “você” mas, a princípio, havia apenas o “tu” para se referir ao pronome de segunda pessoa, depois surgiu a forma “você” e ambas passaram a ser concorrentes na mesma referência pronominal. Sobre essa questão, Chagas (2015, p. 152) relata: “Em muitas regiões do Brasil, já se completou a mudança, resultando em substituição completa do pronome sujeito *tu* por *você*. Em outras, temos ainda a variação entre as duas.” Outro exemplo similar é quanto ao pronome “vós” que, ao menos na fala, já foi substituído por “você”, estando ainda presente nas gramáticas normativas e sendo usado apenas em certas linguagens, como a jurídica ou a religiosa. Com o passar do tempo, provavelmente ele será substituído por “você” em sua totalidade.

Vale mencionarmos ainda que o pronome “você” é o resultado de um longo processo de mudança advinda da antiga forma de tratamento “Vossa Mercê”, da qual surgiram “vosmecê” e “vossuncê”, até chegar à forma “você”, já em concorrência com “cê” nos dias atuais.

Ao focarmos nos aspectos sociais, notamos, por exemplo, que as formas linguísticas antigas tendem a ser preservadas por pessoas mais velhas, ao passo que as mais jovens geralmente são menos conservadoras. Por exemplo, estes costumam fazer uso das gírias, enquanto aqueles as evitam a todo custo. É possível se constatar também a tendência que ocorre com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população mais prestigiadas, ou ainda com as do sexo feminino de maneira geral, ou seja, todos esses grupos geralmente procuram manter as formas mais conservadoras, a usarem a norma tida como culta em detrimento das variantes.

Assim, podemos observar que os fatores ocasionadores do presente processo são extralinguísticos, tais como, idade, sexo, classe social e prestígio social. Mas também pode ocorrer mudança desencadeada por fatores internos à língua, como fica claro nesta afirmação de Scherre e Naro (2006, p. 111) “[...] as forças sociais atuam na condução da variação e da mudança linguística. Todavia, nem só do social vivem as línguas. As forças linguísticas também estão presentes, exercendo o seu papel, em maior ou menor grau”. Assim, no caso da concordância verbal, quando

o sujeito encontra-se na posição anteposta ao verbo ela é favorecida, por outro lado, é desfavorecida quando o sujeito está posicionado posposto ao verbo. Este é um dos exemplos o qual demonstra que a variação e a mudança linguística também podem ser ocasionadas por fatores presentes na própria estrutura da língua.

Vale ressaltarmos que existe uma hipótese clássica, defendida pelos sociolinguístas, sobre a correlação entre mudança e faixa etária conhecida como **mudança em tempo aparente**, cujo conceito é “mudança linguística captada em estudo do comportamento linguístico de indivíduos de diferentes gerações numa comunidade, num dado período de tempo” (UFSC, 2010, p. 164). Segundo tal hipótese, a aquisição da linguagem pelo indivíduo se encerra na puberdade (por volta dos 15 anos de idade) e se estabiliza a partir deste momento, não podendo mais a sua gramática sofrer mudanças significativas, mas apenas esporádicas, como alteração na pronúncia de determinadas palavras etc.

De acordo com Naro (2015, p. 44), sobre o posicionamento acima, “a gramática do indivíduo não pode sofrer mudanças significativas porque o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação (a chamada faculdade da linguagem) fica bloqueado [...]”. Isso explicaria, por exemplo, que a fala de uma pessoa de 60 anos atualmente estaria refletindo aquela que tinha há 45 anos, isto é, quando tinha cerca de 15 anos de idade.

Outro fator muito relevante para a temática em questão diz respeito à variável escolaridade. Nem precisamos ser especialistas para sabermos que a escola exerce bastante influência sobre a língua que usamos, principalmente através da gramática normativa, a qual insiste em despejar nos estudantes as regras do bem falar e escrever, valorizando as formas linguísticas consideradas de prestígio social em detrimento daquelas usadas pela grande maioria da população, as variantes, tidas como socialmente estigmatizadas. Neste sentido, discorre Votre (2015, p. 51) “Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.”

Sabemos da grande importância do papel da escola na formação do indivíduo e isso é inquestionável. É no ambiente escolar, linguisticamente heterogêneo, que a criança passa uma boa parte do seu tempo e, principalmente, onde esta, nas interações sociais com as outras, adquire novas formas de linguagem. Desse modo, entendemos que cabe à escola, e mais precisamente aos professores, disseminar e valorizar as variedades linguísticas e não colocá-las em oposição à norma padrão, considerando-as como inferiores, como geralmente acontece.

A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

É por intermédio das práticas languageiras que o sujeito se constitui e reconstitui com o seu meio e com os outros sujeitos. É nessa perspectiva que língua, sociedade e sujeito – enquanto ser social – não podem ser formulados uns sem os outros. Assim, levando em conta essa relação não podemos conceber o ensino e a aprendizagem de LM sem considerar o fator social da linguagem, ou seja, sua variação. É nesse contexto que se torna fundamental um ensino pautado na Sociolinguística, pois esta subárea da Linguística considera a identidade social do usuário da língua. A esse respeito, Cyranka (2011, p. 144) assevera que:

A Sociolinguística, considerando a contraparte social da linguagem, oferece o caminho para o tratamento adequado da heterogeneidade linguística na escola. Para essa ciência, a variação e a mudança linguísticas são processos naturais e têm motivações várias, entre elas, a identidade dos falantes dentro de seu grupo social e até mesmo de localidade geográfica.

Diante do exposto, compreendemos que possibilitar um ensino de língua que valorize a diversidade linguística social dos falantes é um dos eixos norteadores da proposta de ensino de LM. Assim, entendemos a Sociolinguística como uma prática que possibilita um ensino e uma aprendizagem mais reflexiva, haja vista que considera toda uma realidade sócio-histórico do educando. Dessa forma, não é possível falar de práticas de ensino de LM, sem fazermos menção aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, dado que este documento rege acerca de um conjunto de procedimentos para um ensino de LM mais voltado para contextos sociais específicos. Sobre as contribuições da Sociolinguística para o ensino de LM, os PCN de Língua Portuguesa asseveram que:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (PCN, 1997, p. 26).

Os PCN apresentam um conjunto de variedades dialetais, além de trazerem à tona a questão do preconceito linguístico⁴ que estas variantes podem ocasionar. O preconceito é derivado do meio social, concebido do conjunto das variantes da língua, principalmente aqueles modelos linguísticos utilizados por falantes que não possuem prestígio social na coletividade onde vivem.

⁴ Na obra “*Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?*” (1999), dividida em quatro capítulos, o professor, linguista e filólogo, Marcos Bagno aborda sobre os diversos aspectos da língua bem como o preconceito linguístico e suas implicações sociais.

As questões ligadas ao preconceito, por vezes se evidenciam nas pessoas que vivem e/ou estão na parte superior da camada/pirâmide social, dado que são possuidoras de uma boa condição econômica e sociocultural. Podemos perceber o preconceito linguístico de muitas formas, tipo: “como aquela pessoa fala errado”, “aquela pessoa não fala de forma correta”, “como aquela pessoa escreve errado”, enfim, as pessoas são julgadas por suas condições sociais e não pelas peculiaridades da língua ou aspectos linguísticos que utilizam.

Nesse sentido, os PCN nos permitem refletir acerca do preconceito linguístico, quando preconiza: “O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (PCN, 1997, p. 26).

Sabendo-se que os estabelecimentos educacionais possuem como premissa básica *a formação do indivíduo para o pleno exercício da cidadania*, inferimos no que tange a linguagem que os estabelecimentos devem possuir e possibilitar meios pelos quais o aluno possa desenvolver suas habilidades e conhecimentos, a saber:

- a) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- b) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua (PCN, 1998, p. 59).

As duas primeiras habilidades fazem menção à capacidade de comunicação dos educandos. E o último quesito nos leva a entender que se trata de questões relacionadas com as diferenças. Em relação a tais diferenças, acreditamos que a escola tem papel fundamental na conscientização dos educandos quanto a isso, pois como afirma Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Dessa forma, mencionando ainda os PCN, podemos perceber que é objetivo deste documento elencar um conjunto de regras acerca da educação básica, pois destaca que o ensino de LM deve levar em consideração o desenvolvimento de habilidades e, principalmente, competências, que juntas possam levar o aluno a refletir e resolver problemas que geralmente derivam de seu contexto social.

Notamos uma preocupação por parte dos PCN em aclarar a essencialidade de que crianças e jovens no Brasil possam desenvolver múltiplas capacidades, destacando que, para uma significativa apropriação de conhecimento, a escola deve considerar o meio social do educando, pois somente assim este poderá desenvolver a construção de uma identidade responsiva para o pleno exercício da cidadania. Dessa forma, um dos papéis da escola é oportunizar “[...] ambientes de construção dos seus conhecimentos e de desenvolvimento de suas inteligências, com suas múltiplas competências” (PCN, 1998, p. 11).

Em relação ao ensino de LM, os PCN utilizam a base teórica da Sociolinguística para preconizar o exercício meticoloso do educando frente ao conjunto das variedades da língua, presentes em todos os idiomas. Notamos que há uma dinâmica que se encaminha para a utilização da Sociolinguística enquanto uma sugestão para que práticas significativas possam ser desenvolvidas no ambiente escolar, possibilitando uma atuação mais crítica por parte dos educandos no que se refere às variedades linguísticas.

De um modo geral, no momento em que os estabelecimentos educacionais desenvolvem atividades acerca da Sociolinguística em sala de aula, mais precisamente sobre a variação linguística, a sensação que temos é de que este tipo de acontecimento só atinge as camadas mais desprovidas da sociedade, nas quais o conjunto das variantes linguísticas são, de certo modo, rotuladas negativamente. Se pensarmos na grande extensão territorial do Brasil, quanto mais se adentra o interior do país mais acentuada é a variação linguística, e também torna-se mais evidente a estigmatização linguística.

É de fundamental importância, para um ensino e uma aprendizagem de qualidade, que a escola adote objetivos de ensino pautados no contexto social dos educandos, para que, assim-se consiga desenvolver aspectos discursivos no aluno, pois, conforme afirmam os PCN “[...] o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa” (PCN, 1998, p. 82).

Podemos compreender acerca do exposto que se torna necessário uma educação/ensino mais pautado na diversidade linguística brasileira, pois somente assim será possível obter êxito no ensino de LM. Nos livros didáticos já percebemos uma preocupação com o ensino da variação linguística, porém Bagno (2007) enfatiza que

A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança (BAGNO, 2007, p. 119).

Assim, as práticas de ensino baseadas nos pressupostos da Sociolinguística levam em consideração o contexto social dos educandos, uma vez que essa corrente da Linguística tem como objeto de estudo a linguagem em diferentes perspectivas, ou seja, analisa os aspectos linguísticos em uso nos diferentes contextos sociais da sociedade.

De acordo com o arcabouço teórico da sociolinguística, a compreensão da língua como fato social defendida por Meillet não era muito diferente das ideias de Whitney e Saussure, pois ambos compreendiam que ela possui uma realidade a qual é externa ao indivíduo. No entanto, “[...] nenhum deles discordara de que ela, como uma instituição social, um fato social, um conjunto de regras convencionais, venha se tornar uma realidade interna a todos os indivíduos pelo aprendizado” (MARRA e MILANI, 2012, p. 87). Logo, não se deve estudá-la de forma isolada, sem levar em consideração a situação contextual, uma vez que as pessoas são dotadas de pré-construídos, de história, assim como de cultura, e tudo isso é utilizado como forma de comunicação na sociedade. Dessa maneira, um dos seus objetivos é a comunidade linguística e todas as pessoas que a integram formam um grupo que interagem socialmente por meio da fala, e assim partilham das normas que regem o uso da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, tivemos como objetivo apresentar um breve panorama dos estudos sociolinguísticos, além de uma reflexão acerca do ensino de Língua Materna. Refletimos ainda brevemente sobre variação e mudança linguística no contexto de ensino e aprendizagem da LM por meio de um levantamento bibliográfico.

O estudo nos possibilitou compreender que a Sociolinguística, as variações e mudanças linguísticas estão intimamente ligadas entre si e às culturas, costumes e situação histórica/socioeconômica dos usuários da Língua Materna.

Por meio dessa pesquisa, foi possível constatar que há a necessidade de reestruturação do processo de ensino de LM nos estabelecimentos educacionais da educação básica. Notou-se ainda, a partir das prescrições dos PCN (1997; 1998), que se faz necessário compreender a LM num sentido mais amplo, legitimando o seu importante papel nos estudos da linguagem em que se considere o contexto sócio-histórico do indivíduo.

É a partir dessa visão que será possível se discutir acerca das variações e mudanças linguísticas em sala de aula. E ainda, tornar evidente que a Sociolinguística é, obviamente, a responsável por mostrar as causas das variações e mudanças da língua, tornando-a imprescindível

para inferirmos acerca dos fenômenos linguísticos, sem se esquecer, é claro, da padronização da língua. Isso poderá propiciar ao professor um trabalho em sala de aula de forma mais natural.

Em relação às variações linguísticas, não podemos esquecer de que uma vez não sendo consideradas, seja nos estabelecimentos de ensino ou fora deles, acarretará no preconceito linguístico. E essa contrariedade deve ser enfrentada de perto pela comunidade escolar, a fim de reforçar a ideia de que se deve levar em consideração as várias maneiras de se comunicar, com respeito às características pessoais dos usuários da língua e do meio em que eles encontram-se inseridos. É necessário entendermos que na contemporaneidade busca-se um ensino de LM inclusivo, no qual se considere toda a diversidade linguística existente em nossa sociedade.

Nesse sentido, os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística, em consonância com o ensino de LM, podem contribuir para o respeito às múltiplas influências sócio-históricas dos educandos, assim como são importantes para diminuir o grande vão que há entre falantes que utilizam a norma padrão da língua e os que usam basicamente as variações linguísticas.

Ainda, compreendemos que a Sociolinguística tem muito a contribuir com ensino-aprendizagem de LM, uma vez que encara a heterogeneidade da língua não como um problema, mas como algo natural e inerente ao sistema linguístico. Desse modo, cabe aos estabelecimentos escolares a disseminação do conhecimento sociolinguístico, por meio da valorização das variantes sociais e das mudanças linguísticas. Essa é, também, uma das principais formas de se acabar com o preconceito linguístico.

Por fim, reafirmamos o objetivo dessa pesquisa como uma reflexão acerca do ensino de LM, de forma que esse seja livre do preconceito linguístico e favorecido por profissionais que busquem incentivar seus alunos a refletirem sobre o uso da língua em seus diferentes contextos e explorarem suas variações linguísticas enquanto um evento social.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50, v. 1.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 121-140.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. *Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. *Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83, v. 1.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 141-163, v. 1.
- CYRANKA, Lúcia F. M. *Dos dialetos populares à variedade culta: a Sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011.
- LABOV, William. *Sociolinguística: uma entrevista com William Labov*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. [www.revel.inf.br].
- MARRA, Daniel. MILANI, Sebastião. *Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet*. Linha d'Água, São Paulo, n. 25, v. (2), p. 67-90, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-14.
- MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007.
- NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 43-50.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2010.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- WIENREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

Chegou em: 23-01-2018

Aceito em: 06-03-2018